

Para onde caminha o LEITE

Projeções apontam mudanças no setor leiteiro nacional nos próximos dez anos. Confira o que há de provável e também de desejável

DUARTE VILELA

A importância que a atividade leiteira adquiriu no Brasil é incontestável, tanto no desempenho econômico como na geração de empregos e renda. É provável que em 2014 o mercado de lácteos tenha movimentado cerca de R\$ 100 bilhões e empregado em torno de 4 milhões de pessoas.

Somente no setor produtivo primário, hoje, estima-se que existam 871 mil estabelecimentos que produzam leite em escala comercial, distribuídos praticamente em todo o território nacional, sendo alguns mais e outros menos tecnificados. A grande maioria, sem seguir um modelo de produção definido em função da diversidade de volume de produção, raças de animais,

espécies forrageiras e tipos de manejo.

Um setor tão grandioso e heterogêneo cria oportunidades, mas também se reveste de grandes desafios para se modernizar. As dificuldades passam pela necessidade de qualificação dos produtores, organização dos serviços de assistência técnica, geração de novos conhecimentos e melhoria da qualidade do leite e derivados.

A baixa produtividade das fazendas significa também restrições ao setor e que, associada a problemas com qualidade do leite, traz reflexos negativos para a indústria de lácteos, comprometendo a competitividade para se inserir no mercado internacional, além de exigir políticas públicas adequadas que viabili-

zem a introdução de novas tecnologias no processo produtivo.

Mesmo com esse quadro de dificuldades, a cadeia produtiva do leite tem mostrado vocação para crescer, contrariando muitas projeções pessimistas. Com um crescimento anual de 4,2%, o Brasil já é o quarto maior produtor de leite de vaca do mundo e deve ter atingido no ano que passou uma produção de 34,6 bilhões de litros. Nas últimas décadas, a produção de leite nacional tem migrado para novas fronteiras, concentrando-se principalmente a oeste dos estados e do País.

CONCEPÇÃO COMPARTILHADA DE POLÍTICAS - A região Sul, mesmo com uma produção em moldes familiares, notadamente no Rio Grande do Sul, tem apresentado bons índices de produtividade. Juntos, os três estados da região mais que dobraram a sua produção na última década, alcançando no último ano 12,1 bilhões de litros, aproximando-se da região Sudeste. Para as regiões Nordeste e Centro-Oeste são esperadas produções de 3,3 e 5,2 bilhões de litros, respectivamente, enquanto na região Norte a produção pouco evoluiu, com 1,6 bilhão de litros.

Os dados são expressivos e revelam um importante fato que vem ocorrendo lenta e silenciosamente na atividade leiteira nacional: a maturidade dos atores que compõem o setor e o seu maior profissionalismo, que poderão trazer reflexos positivos no futuro. O mais relevante é que os produtores passaram a ter mais voz nas decisões, e com isso as lideranças estão se unindo para repensar a cadeia produtiva, exigindo políticas estruturantes com visão na próxima década.

Está cada vez mais forte a concepção compartilhada de políticas, seja através das câmaras técnicas e setoriais de governo ou de representações de classes. O ano de 2013, por exemplo, pode ser considerado o ano do leite no Brasil e pode ter sido a virada rumo ao futuro. Nunca se debateu tanto a cadeia produtiva como nos últimos anos e o leite se transformou em assunto recorrente na CNA-Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil e no Governo Federal.

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento lançou o Plano Mais Pecuária; o Ministério do Desenvolvimento Agrário apresentou o Programa Leite 100 para a agricultura familiar, enquanto o Ministério da Fazenda disponibilizou recursos para a inovação da pecuária por meio do Inovagro. Recentemente dois importantes programas de fortalecimento setorial foram criados. Os estados da região Sul se uniram para atuar na Aliança Láctea Sul-Brasileira e as principais indústrias ligadas ao setor se reuniram para lançar a Viva Lácteos.

Estimulado principalmente pelo crescimento da renda, o consumo interno de



Região Sul tem apresentado produção familiar com bons índices de produtividade

Fotos: arquivo BB

leite aumentou 40% entre 2003 e 2013, passando de 128 para 179 litros por habitante/ano, mas ainda aquém do recomendado pela OMS-Organização Mundial da Saúde. No mercado mundial, o País se tornou autossuficiente, com excedentes exportáveis entre 2004 e 2008. Embora tenha voltado a importar a partir de 2009, dá sinais de recuperação em 2014.

PRODUÇÃO DE LEITE EM 2025 - O futuro do leite está condicionado ao comportamento de muitas variáveis, principalmente as que dizem respeito aos investimentos em ciência e tecnologia. Os avanços recentes da pesquisa nacional e sua contribuição para a inovação tecnológica sinalizam uma pequena revolução de modernidade na

portadores de lácteos. Particularmente, o Brasil poderá ser favorecido se amparado por políticas setoriais fortes, investimentos em pesquisa e adoção das tecnologias geradas nos últimos 40 anos, o que certamente vai acelerar o aumento da produção, produtividade e competitividade dos setores primário e industrial.

Por outro lado, um possível comportamento desfavorável da economia, com efeito negativo de fatores como câmbio, preços internacionais, inflação, recessão e políticas protecionistas, poderá levar a um cenário diferente do que se deseja. Levando em conta as tendências favoráveis e as incertezas, foram desenhados dois cenários para a pecuária leiteira nacional em 2025: o cenário provável e o cenário desejável.



Para os próximos anos, espera-se crescimento moderado da produção, abaixo das médias históricas

produção leiteira do País que deverá ser caracterizada pela automação de processos na pecuária de precisão.

Novos avanços na ciência como: nanotecnologia, genômica, biotécnicas reprodutivas e bioenergéticas podem acelerar ainda mais o crescimento da produção por meio do aumento de produtividade, eficiência e sustentabilidade do setor. Dados da FAO indicam que a produção mundial chegará perto de 1 trilhão de litros de leite em 2025 e a América Latina será estratégica para equilibrar a demanda de lácteos do Planeta, já que a produção deverá crescer mais do que a população nos principais países da região.

Esta previsão poderá ser fortalecida pela extinção em 2015 do sistema de cotas pela União Europeia, pela nova Farm Bill americana e pela expansão do comércio com a China e Rússia, dois grandes im-

No cenário provável espera-se um crescimento moderado da produção, porém descontínuo e abaixo das médias históricas, considerando as seguintes premissas:

- ambiente econômico interno e externo adversos, com inflação crescente, câmbio desfavorável, manutenção do protecionismo no mercado mundial e preços internacionais desfavoráveis;
- mudanças climáticas com restrições moderadas para a produção;
- investimentos modestos na indústria e em C&T (abaixo de 1,3% do PIB);
- concentração de empresas de laticínios;
- melhoria moderada da produtividade e qualidade;
- consumo interno crescente, puxado pelo crescimento da população (218 milhões) e aumento da renda nas classes C, D e E, mas em ritmo menor do que o atual;

- produção em novas fronteiras do País, com outras atividades agrícolas mais atraentes concorrendo por terra e outros recursos;
- mercado informal decrescente, porém ainda elevado;
- pouco profissionalismo nas iniciativas em marketing;
- participação tímida das cooperativas no mercado (captação, industrialização e comercialização);
- custos reais de produção elevados, principalmente em decorrência da pouca disponibilidade de mão de obra.

MANTENDO O CRESCIMENTO HISTÓRICO - No cenário desejável, espera-se crescimento expressivo da produção familiar e empresarial, considerando que as oportunidades de mercado interno e externo serão bem aproveitadas pelo setor. A taxa histórica de crescimento é mantida tendo em vista as seguintes premissas:

- implementação e manutenção de políticas eficientes de apoio ao setor;
- maiores investimentos em marketing institucional e em C&T (acima de 1,5% do PIB);
- processo de produção mais mecanizado e automatizado motivado principalmente pela escassez e custo elevado da mão de obra;
- aumento da produtividade do rebanho e da mão de obra;
- crescimento expressivo da produção e produtividade dos insumos utilizados na alimentação do rebanho, sobretudo, milho, soja e subprodutos da agroindústria com impacto favorável nos custos de produção de leite;
- melhoria expressiva da qualidade do leite, capitaneada pela adesão da maioria das indústrias à premiação;
- crescimento contínuo do consumo interno e significativo aumento da produção nos estados da região Sul;
- maior participação no mercado mundial com políticas eficientes de estímulo à exportação de lácteos.

No cenário provável, o Brasil manterá sua presença no comércio mundial de forma tímida, não se tornando um grande exportador e mantendo a importação de queijos, soro e leite em pó. A informalidade diminuirá, mas continuará em patamares elevados.

No cenário desejável, o Brasil se tornará mais presente no mercado internacional, considerando que a Rússia e, principalmente, a China irão modificar a dinâmica do mercado internacional, já que esta última continuará sendo o fiel da balança no mercado mundial, mantendo destacada posição como país importador.

Contudo, a ampliação da oferta de lácteos no Brasil continuará se apoiando no consumo interno, que seguirá dinâmico, fundamentado no aumento da

renda familiar, lançamento de novos produtos e com o setor mais formal. Nos dois cenários o consumo de lácteos superará os níveis recomendados.

PROJEÇÃO DE 450 MIL PRODUTORES

- Quanto à produtividade média por animal, esta crescerá, mas continuará relativamente baixa frente à de outros países, independentemente dos cenários (abaixo de 3 mil kg/vaca/ano). Se levarmos em consideração que a atual produtividade das fazendas colaboradoras dos programas de melhoramento genético de raças leiteiras no País passa dos 4.000 kg/ano e se destaca pela adoção de tecnologias, pode-se considerar que o Brasil ainda deverá evoluir por algumas décadas.

A adoção de biotécnicas reprodutivas, com indicadores sinalizando crescimento expressivo no comércio de sêmen e adoção de IATF, FIV/TE com sêmen sexado, poderá levar a uma pecuária leiteira com substanciais avanços tecnológicos, caminhando para um modelo de produção mais tecnificado.

Apesar da forte tendência de redução em seu número, estima-se que serão 450 mil propriedades em 2025

QUADRO 1 INDICADORES DO CENÁRIO LEITEIRO ATUAL E A PREVISÃO PARA DAQUI A 10 ANOS

Indicadores	Atual	Previsão para 2025	
		Provável	Desejável
Produção (bilhões de litros)	36,4	47,5	54,5
Importação (milhões de t)	0,351	0,932	0,044
Exportação (milhões de t)	0,073	0,182	1,130
Consumo (kg/habitante/ano)	179	221	245
Produtividade (kg/vaca/ano)	1.507	2.199	2.706
Leite inspecionado (%)	71,0	81,6	91,8
Leite cooperativado (%)	36	36	40

que irão produzir e comercializar leite e derivados. Serão cada vez mais especializadas, com os produtores investindo mais no processo produtivo, motivados pela maior atratividade do empreendimento. Destaca-se ainda neste cenário a indústria láctea mais consolidada e com presença mais firme no mercado mundial, com crescimento substancial da produção na região Sul, representando 43% da produção nacional, ancorada no cooperativismo.

Conclui-se que o atual crescimento da produção, insuficiente para atender ao aumento do consumo interno, deixa o setor vulnerável às crises internas e in-

ternacionais. Em mercados cada vez mais abertos e globalizados, aumentará a competitividade com base na qualidade do produto e nos custos de produção. Os produtores que continuarão a produzir leite no futuro não serão nem os maiores nem os menores, mas os mais competitivos.

As estatísticas e os exercícios de futurologia são importantes ferramentas para corrigir rotas. A Embrapa cultiva uma visão positiva, realista para a atividade leiteira no Brasil, mas considera também a necessidade de quebra de paradigmas, substituindo a cultura do imediatismo pela cultura da inovação. Visualiza ainda uma política pública de valorização do setor, incentivo ao aumento do consumo, melhoria da qualidade e segurança dos lácteos, a eficiência e a modernização dos processos produtivo e industrial, aproveitando as oportunidades do novo momento econômico.



Duarte Vilela é pesquisador da Embrapa Gado de Leite, de Juiz de Fora-MG.



Solução em armazenagem de silagens.



Silo Embutidor de Forragem



Silo Embutidor de Grãos Úmidos



Travessa Antônio Vieira, 160 • Alvorada • RS • Brasil • vendas@multiagro.ind.br

Vendas (51) 3101.0001
www.multiagro.ind.br

ENTREVISTA: ALTINO RODRIGUES NETO, DO IMA

BALDE BRANCO

Ano 51 - nº 603 - janeiro 2015 - R\$ 10,50 - www.baldebranco.com.br



INVESTIMENTO

Em pouco mais de três anos, fazenda revela os acertos de um projeto que prioriza seleção de Jersey de alta produção no próprio rebanho e na genética que começa a comercializar

Quando e como a sucessão familiar deve ser avaliada

O que define a escolha de camas para as vacas

Leite em 2015: desafios entre oportunidades